Apontamentos biográficos de João Cordeiro,

escritos por êle próprio.

(Do Documentário do Instituto, respeitadas a redação e ortografia do original)

Nasceu em 31 de agosto de 1842, na cidade de Sant'Ana do Acaraú. Filho legitimo de João de Castro Cordeiro e Floriana Angelica da Vera Cruz Cordeiro.

Nos primeiros annos de sua vida fez o que fazem todos os meninos pobres do sertão. Tomava banho nos rios, andava montado nos carneiros e nos bezerros, corria a cavalo e ia ao roçado buscar milho, feijão e melancias.

Assim viveu até 11 annos, idade em que foi para uma escola de primeiras letras que frequentou até 12 annos.

Com 13 annos incompletos foi para a cidade de Acaraú, empregado como caixeiro do seu parente Major Francisco Ferreira. Assinava o seu nome, lendo e escrevendo mal e fazendo as contas de somar, diminuir e multiplicar. Na loja em que empregou-se vendia-se vintem de cachaça, fumo, rapaduras, côvados de chita, varas de algodãozinho e madapulão e outros artigos proprios das lojas sertanejas.

Poucos mezes depois de empregado tomou conta de 2 armazens que recebiam sóla, couros e outros artigos do comercio de Sobral e Santana para serem remetidos a Fortaleza e Recife, de cujas praças recebia mercadorias transportadas no yate "Sobralense" e patacho "Emulação", destinadas ao comercio de Sobral, Santana e outras cidades.

Em 1860 deixou o Acaraú onde começou a vida ganhando 5$000 por mez e foi residir na Fortaleza, onde empregou-se

no escritorio de Joaquim da Cunha Freire Primo (Barão de Ibiapaba). Nesse emprego permaneceu até 1864 gozando sempre da estima e consideração do chefe da casa. Em março de 1864, ás 3 horas da tarde, teve um ligeiro aborrecimento com o Barão de Ibiapaba. Despediu-se da casa e ás 5 horas da tarde estava a bordo de um vapor da Companhia Maranhense com passagem para São Luiz, onde ia aguardar a sahida de um navio de vela para Nova-York, onde tinha resolvido fixar residencia. Depois de 1 mez não tendo havido navios para America resolveu voltar á Fortaleza a convite de Monteiro & Barros occupando nessa casa o cargo de guarda-livros.

No começo de 1868 deixou esse emprego e foi ao Recife negociar uns saques do Barão de Ibiapaba no valor de ..... 150:000$000. Prestando contas desse negocio o Barão de Ibiapaba e seu irmão Visconde de Cauipe o convidaram para ir dirigir uma casa de compras de algodão e outros artigos sob a firma de Mossoró & Cia. Aceitando o convite seguiu para Mossoró em julho desse anno e abriu uma casa de compras e exportação de algodão para o extrangeiro. Ficou ali até os primeiros mezes de 1871.

A sua vida em Mossoró foi um pouco agitada. Fundou com outros o periodico "Mossoroense", orgão de propaganda republicana. Organizou uma sociedade com o fim de tratar do engrandecimento moral e material de Mossoró. Para festejar a instalação dessa sociedade comprou com dinheiro seu duas escravinhas recenacidas a 100$000 cada uma, batisando como livres.

Teve uma pequena questão com o delegado de policia, José Joaquim Séve, seu comprovinciano e amigo. No calor da discussão o delegado impensadamente deu-lhe voz de prizão. J. C. não se conformou com essa imprudencia, atirou-se ao delegado, passou-lhe uma rasteira e jogou com elle ao chão.

Auxiliado pelo seu irmão Francisco Cordeiro conduziram o delegado, dando-lhe voz de prizão em nome da opinião publica, e entregaram-o ás 4 praças que estavam em uma casa que servia de cadeia. A cidade não se agitou com esse acontecimento. O delegado officiou ao chefe de policia de Natal e, em lugar de dizer que tinha sido prezo, mentiu dizendo que J. C. havia pro-

clamado a republica em Mossoró. O chefe de policia fez embarcar para aquella cidade um capitão do exercito comandando 40 praças. Esse capitão era amigo de J. C., e ao dezembarcar na Areia Branca, encontrou-se com este, que lhe fez uma narrativa do que se havia passado em Mossoró. O official seguiu para Mossoró com as 40 praças e ali verificou a verdade de tudo quanto J. C. o informou. Fez um relatorio ao chefe de policia e este demitiu o delegado a bem do serviço publico.

A firma Mossoró & Cia. embarcava algodão para a Inglaterra e mandara negociar os seus saques em Pernambuco pela firma Marques Barros & Cia. Esta firma quebrou e o chefe Marques Barros fugiu para o Norte. Mossoró & Cia. tinha ali cerca de 50:000$000. J. C. seguiu para o Recife afim de tratar da cobrança dessa somma. Ali permaneceu 3 mezes, requereu com outros a fallencia da firma quebrada cujo ativo mal deu para as despezas da fallencia. O Barão de Ibiapaba desgostoso com esse prejuiso liquidou a firma Mossoró & Cia. e J. C. retirou-se par Fortaleza em março de 1871 desembarcando com 152$000 no bolso. No dia seguinte ao seu desembarque publicou um anuncio nos jornaes offerecendo ao comercio de Fortaleza os seus serviços de guarda-livros.

Trabalhou em duas casas durante 3 mezes sendo convidado pelo portuguez Antonio Neves Cardoso, negociante importador, para seu socio. Tomou a gerencia da casa, embarcando Cardoso para Portugal. J. C. nesse tempo fundou na Fortaleza, com Joaquim Catunda, Antonio Sales, João Lopes e outros um club republicano para o qual foi eleito presidente Joaquim Catunda.

Fundaram uma gazeta, orgão do mesmo club que funcionou por alguns annos. Deu grande desenvolvimento ao comercio da casa até fevereiro de 1873. Cardoso regressou de Portugal, tomou a gerencia da casa e J. C. embarca para a Europa, em março, onde foi tratar de negocios da casa e visitar a Exposição Universal de Berlim. Esteve em Portugal, Hespanha, França, Belgica, Italia, Allemanha e Inglaterra.

Em agosto desse anno regressou ao Ceará, e tomou posse da gerencia da casa indo Cardoso para Portugal.

Em 1875 J. C. causou-se com Da. Carolina Carlota, filha do finado Dr. José Lourenço de Castro e Silva eminente medico

de Fortaleza. Em 1876 Cardoso regressou de Portugal, retirou-se do comercio ficando J. C. com a casa de negocio sob a firma J. Cordeiro & Cia., tendo como socio Domingos Bento de Abreu, guarda-livros da firma dissolvida. Os negocios da nova firma iam correndo muito bem quando manifestou-se a secca de 1877. J. C. exercia então o elevado encargo de presidente da Associação Comercial. Era presidente da Provincia o Conselheiro Estellita. Em fevereiro desse ano começaram a entrar na Fortaleza grandes levas de retirantes que abandonavam o sertão para evitar a morte pela fome. O Conselheiro Estellita convidou J. C. para tomar a direção dos socorros publicos na Fortaleza. J. C. organizou todo o serviço, estabeleceu diversos abarracamentos em torno da cidade e nomeou comissarios para cada um desses nucleos. O pessoal que ia chegando do interior era localisado e socorrido embarcando para o Norte e para o Sul por todos os vapores os que queriam retirar-se da Provincia. Em fins de 1877 J. C. teve um aborrecimento com o Conselheiro Estellita e demitiu-se do cargo de commissario. O Conselheiro Estellita recusou-se formalmente a acceitar essa demissão, mas J. C. não accedeu aos rogos do presidente. Este afinal deu a demissão em um officio muito elugioso, no qual dizia que levava ao conhecimento do governo imperial os relevantes serviços prestados por J. C.. Poucos mezes depois cahiram os conservadores e foram chamados ao poder os liberais. Em março de 1878 tomou conta do governo da Provincia o Dr. José Julio de Albuquerque Barros. No dia seguinte ao de sua posse chamou a palacio J. C. e pediu-lhe, appelando para os seus sentimentos patrioticos, que o auxiliasse na sua administração acceitando o cargo de comissario geral dos soccorros publicos. J. C. recusou-se allegando que já tinha exercido esse cargo do qual sahira muito aborrecido. Instado pelos seus amigos Commendador Accioly e José Fonseca resolveu-se a satisfazer os desejos do Dr. José Julio acceitando a nomeação. Tomou conta de todos os serviços de soccorros, estabeleceu dez abarracamentos, nomeou os respectivos commissarios e deu começo a tomar as medidas indispensaveis á bôa marcha dos diversos serviços.

A variola estava apparecendo em alguns pontos do interior e na Capital. Não é facil imaginar-se os horrores resultantes

dessa epidimia que tomou proporções aterradoras. No começo de dezembro J. C. tinha sob sua direção cerca de 1.000 homens que elle mandava embriagar com aguardente afim de occuparem-se no transporte e enterramento dos variolosos falecidos.

REMINISCENCIAS

Uma carta do ex-senador João Cordeiro a Rodolpho Theophilo

Putiú, 4 de Dezembro de 1928.

Meu Caro Rodolpho
Saude, Paz e Amôr

Não gosto de cousas tristes, mas não ha geito senão lembrar-lhe do dia 8 deste mez, em 1878.

Nesse dia, de lugubres recordações para nós, que fomos testemunhas oculares, foram recebidos no cemiterio do Lazarêto 1012 cadaveres, victimas da horrenda variola que devastou o Ceará.

Você fala sempre em 1004, mas eu tenho nos meus cadernos de notas o numero de 1012, que foram ali recebidos até ás 7 horas da noite. A 1 hora deixei o cemiterio suspendendo o serviço para o dia seguinte, faltando sepultar mais de 200 cadaveres. Eu tinha muita febre que em casa verifiquei ser de 40 grs.

Durante o tempo que durou a peste foram atacados 67 mil e tantas pessoas, nos diversos abarracamentos fallecendo destas 31 mil e tantas que foram sepultadas n'aquelle cemiterio. Não sei quantas foram sepultadas no cemiterio da cidade, sei porém que até a d. Marieta Gabaglia, esposa do dr. José Julio, presidente da provincia foi victima da variola hemorragica.

Fui commissario geral durante todos os 3 annos de secca — 1877 e 1879 e tenho na memoria todos os horrores d'aquelles tempos.

Desculpe vir falar-lhe de cousas tão tristes mas não quiz ficar callado no primeiro jubileu da grande calamidade, que en-

lutou e empobreceu quasi toda a população desta nossa terra martir.

Dos 10 comissarios encarregados dos diversos abarracamentos, só resta com vida o meu amigo João Carlos da Silva Jatahy, que prestou n'aquelles tristes tempos os mais assinalados serviços, sem receber ordenado algum. Tambem os outros comissarios, eu inclusive, nada receberam em paga dos seus relevantes serviços. Em compensação porém, foram acremente insultados pela imprensa conservadora, por alguns deputados e senadores no parlamento e pela imprensa do Rio de Janeiro que os chamavam ladrões de casaca e luva de pelica. No Senado um senador cearense fez-me caluniosas accusações, sendo eu defendido pelo ministro e conselheiro Affonso Celso. Os comissarios já fallecidos foram sempre pobres, nada deixando às familias, e eu com cerca de 87 anos, quase cego, vivo como caixeiro da casa Boris.

Do velho amigo e admirador.

J. Cordeiro

Nos primeiros mezes de 1879 estava a variola extinta na Capital quando chegaram do Rio de Janeiro alguns medicos pedidos ao governo imperial desde o começo da peste! No dia do desembarque desses medicos J. C. tinha levado ao Mucuripe os 10 comissarios dos abarracamentos e todos os chefes de turma cada um commandando 50 homens, isto é, rapazes de 12 annos acima, grande numero de cegos e os homens que podiam andar. Em Mucuripe cada um tomou uma pedra que colocou na cabeça e vieram se collocar na praia do Meirelles. Ahi arrumados em ordem, cada chefe de turma com seus 50 homens e cada commissario á frente dos homens do seu abarracamento facilmente se fez a contagem de todos, e o presidente da Provincia verificou com as pessôas que o acompanhavam o numero do pessoal que ali se achava — 11.000 homens. Esses homens seguiram para Fortaleza, depositaram as pedras na praça da Estr. de Ferro e retiraram-se para os seus abarracamentos. A cidade da Fortaleza ficou repleta de cegos, velhos e velhas, viuvas, meninos e meninas, sem pae e sem mãe tudo entregue á caridade publica.

J. C. pagava 50$000 por mez a um padre para casar e batisar quem o procurasse para isso.

Em 1880 veio o "inverno" e cada um dos pobres retirantes que andavam espalhados por toda parte procuravam seus antigos habitats.

J. C. continuou á frente de sua casa de negocios. Em dezembro de 1880 J. C. foi convidado por alguns socios da "Sociedade Perseverança e Porvir" para fundarem uma sociedade que se ocupasse da propaganda e da abolição dos escravisados. J. C. acceitou o convite com grande entusiasmo e com os rapazes da "Perseverança e Porvir" convocou para o palacete da assembléa legislativa da Provincia uma reunião dos abolicionistas para a fundação de uma sociedade que instalou-se com o nome de "Cearense Libertadora". Compareceu grande numero de abolicionistas e J. C. foi aclamado presidente dessa sociedade. Tomou posse do cargo, deu por instalada a sociedade e nomeou uma comissão para a confecção dos estatutos.

Dias depois reuniu-se a sociedade para ouvir a leitura dos estatutos e approval-os. Houve grande discussão e J. C. para cortar a questão disse: "O projecto de estatutos que acaba de ser lido não convem. Nós queremos uma sociedade carbonaria sem ligações com o governo que occupe-se revolucionariamente da libertação dos escravos por todos os meios ao alcance dos nossos recursos pecuniarios, da nossa inteligência e da nossa energia. Os estatutos que nos convem devem ser simplesmente estes:

Art. 1.º — Libertar escravos, seja por que meio fôr.

Art. 2.º — Todos por um e um por todos".

Dissolveu-se a reunião ficando apenas umas duas duzias de abolicionistas que entraram na lucta que deu em resultado libertação de todos escravos do Ceará. J. C. com outros fundou o jornal "Libertador" com o qual combateu-se numa lucta de vida e morte em favor da libertação dos escravos, conseguindo em 25 de março de 1884 proclamar o Ceará livre da escravidão.

A este respeito veja-se o livro "O Ceará e os Cearenses", de Antonio Bezerra de Menezes — pag. n.º

O Coronel Paiva processou por ladrão de escravos alguns libertadores cujo processo foi combatido no Tribunal da Relação pelo desembargador Faria Lemos e anulado por votação unanime dos desembargadores.

J. C. gastou com a manutenção do "Libertador", com o yate "João Vale" que transportara escravos roubados em Pernambuco, com trens da "Baturité", conduzindo escravos fugidos para o interior e com muitas outras despezas que era obrigado a fazer diariamente a importancia de Rs. 36:000$000.

De março a 31 de dezembro de 1884 J. C. esteve na Fortaleza, á frente de sua casa de negocio, tratando da liquidação da mesma. Em janeiro de 1885 seguia para Baturité, onde fixou residencia, estabelecendo um escritorio de negocios, dando sociedade particular ao seu amigo Bernardino Proença, correndo todo o negocio sob a firma individual de J. Cordeiro. Isaias Boris, chefe da firma Boris Frères foi a Baturité a passeio, e sendo amigo de J. C. conversou com este sobre os negocios que pretendia fazer em Baturité. Siente de tudo e sabendo que J. C. dispunha de pouco dinheiro para realizar os seus planos abriu-lhe um credito em c/c de 100:000$000. J. C. com este recurso construiu um predio no qual estabeleceu diversos negocios dando aoestabelecimento o nome de "Fabrica Proença", Montou uma machina de 50 serras para descaroçamento de algodão e uma prensa para enfardamento. Acentou uma machina para extração de oleos e fabricação de resides. Antes de sua chegada a Baturité o caroço de algodão era queimado; nem o gado alimentava-se desse caroço.

O resido extraido era entregue ao consumo do gado fazendo preço de 20 reis o kilo, preço este que elevou-se dentro de pouco tempo a 160 reis o kilo. Essa machina para extração do oleo de algodão e outras sementes oleaginosas foi a primeira que se estabeleceu nesta Provincia. Montou uma saboaria para aproveitamento desses oleos. Montou 2 turbinas francesas para embran-

quecer o assucar mascavado cujo mel era destinado á Fabrica de Bebidas; nesta fabrica fazia-se aguardente, alcool, laranginha, genebra, licôres, vinhos de fructas e vinagre. Montou machinas para pilar arroz J. C. fez a propaganda da plantação da mamona, do gergelim, repôlhos, couve-flôr, batatas e ceboulas. Comprou e exportou diversos artigos que nunca foram, em Baturité, objetos de negocio: ossos, cascos e chifres de boi, cabellos dos rabos dos animais, rezina de angico e jatobá, painas de barriguda, de pacotê, de imbiratanha e grão-de-boi, comprando tambem para exportação pedaços de couro que serviam para empacotar fumo e pequenos pedaços de cedro que eram vendidos na Europa ás fabricas de lapis.

J. C. fundou com o Dr. Raymundo Ribeiro e Pedro Sombra o "Jornal do Comercio" de Baturité, nas paginas do qual fazia propaganda da plantação da maniçoba para extração de borracha e da ingazeira para sombrear os cafesaes e adubar as terras com as suas abundantes folhas. Forneceu a muitos fazendeiros da Serra abundantes sementes de mangas, laranjas, tangerinas e outras fructas.

Prestou a Baturité 2 serviços da mais alta importancia, os quaes foram estes: os engenheiros Morcina e Pinhas, constructores da E.F.B. queriam que a estrada seguisse de Canôa directamente para o interior ficando Baturité servido por um ramal. J. C. oppoz-se tenazmente a execução desse plano. Escreveu cartas ao jornal "Cearense" de Fortaleza, ao "Jornal do Comercio" do Rio, dirigindo-se, por carta, aos senadores e deputados cearenses e ao Dr. Moura Brasil. Todos ficaram do seu lado mas o ministro da viação nada disse aos engenheiros encarregados da construção. J. C. foi á Serra de Baturité e intendeu-se com os fazendeiros João Pereira, da fazenda "S. Luiz", Coronel Epifanio do "Pao-do-Alho", Caracas de Guaramiranga, Clementino d'Holanda, Manoel Figueiredo, Major Dutra do "Alvaro" e outros; expoz a todos o motivo de sua ida á Serra os quaes muito aplaudiram a sua resistencia contra o traçado da E.F.B. de ir da Canôa para o interior. J. C. disse a esses fazendeiros que não consentia nesse traçado e que estava disposto a oppor-se a mão armada desde que os fazendeiros de Baturité puzessem os seus operarios ás suas ordens. De regresso da Serra

entendeu-se com os engenheiros da construção dizendo-lhes que dispunha de elementos para não consentir no assentamento de trilhos como elles queriam. Tinha ás suas ordens grande numero de operarios da Serra para arrancar quantos trilhos fossem assentados. Esta declaração causou um certo escandalo sendo levada ao conhecimento do governo no Rio. Fez-se o ramal para Baturité que foi inaugurado em 1882 e não mais se falou no prosseguimento da estrada de Canôa para o interior. Alguns annos depois veio do Rio uma commissão de engenheiros chefiada pelo Dr. Cesar de Sousa para continuar a construção da E. F. de Baturité para o interior, ficando sem effeito o antigo traçado.

O segundo serviço prestado por J. C. a Baturité foi este: — a ligação do Putiú com a Cidade de Baturité era um caminho cheio de um lamaçal que dificultava a passagem dos animaes e dos pedestres. J. C., quando veio da Fortaleza com diversas familias, em trem expresso assistir á libertação do municipio de Baturité viu-se em dificuldades com sua esposa para transpor esse caminho; as outras senhoras montavam a cavallo e subiram para a Cidade. A esposa de J. C. não sabendo montar a cavallo fez a subida apoiada nos braços de 2 pretos que fizeram uma "cadeirinha". J. C. conversou na Cidade com o presidente da municipalidade e alguns negociantes reprovando o mal estado em que se achava esta subida de Putiú para a Cidade. Todos lhe disseram que nada se podia fazer por falta de dinheiro. Algum tempo depois sendo presidente da Provincia o Dr. Caio Prado, com quem J. C. mantinha estreita amizade, conseguiu que Caio Prado mandasse fazer o calçamento e a muralha dessa passagem, encarregando desse serviço o engenheiro Araripe e Isaac Amaral. A este deve-se o que ahi foi feito — calçamento e murralhas, — pois o engenheiro não ligava a menor importancia a esse serviço. Satisfeito com esse melhoramento a camara municipal deu a esse logradouro o nome de Avenida João Cordeiro.

Em fevereiro de 1889 J. C. de accordo com a casa Boris passou seus negocios de Baturité a Bernardino Proença que ficou negociando com a casa Boris e retirou-se para Fortaleza. Em abril J. C. seguiu para o Rio de Janeiro para tratar de compras de generos de que havia falta no Ceará, levando da casa Boris uma ordem a seu favor de 200:000$000. Fez diversas compras no Rio deJaneiro e outras praças, e em maio seguiu para S. Paulo afim de tomar parte no Congresso Republicano que estava funcionando naqula capital. Desse Congresso faziam parte Quintino Bocayuva, Aristides Lôbo, Barata Ribeiro, Julio de Castilhos, Assis Brasil, Campos Salles, Bernardino de Campos, Prudente de Moraes e muitos outros, dos quaes restam com vida Assis Brasil com 70 e tantos anos e J. C. com 84. J. C., fechado o Congresso Republicano, voltou ao Rio sendo comissionado pelo chefe Quintino Bocayuva para fazer uma enquette e verificar nas capitais do Norte com que elementos militares e civis se poderia contar para o movimento republicano que pretendia implantar no Brasil uma nova forma de governo. J. C. seguio para o Norte poucas semanas depois da viagem do conde d'Eu e verificou que em todas as capitais o movimento republicano estava sendo feito com grande intusiasmo e que nos batalhões aquartelados nas capitaes havia grande numero de republicanos, principalmente dos postos de capitão aos inferiores e no Recife Martins Junior, na Fortaleza Catunda, Antonio Salles e outros; em Belem Paes de Carvalho, Lauro Sodré estavam á frente de poderosos clubs republicanos. J. C. que só foi até Belem onde adoeceu, regressou á Fortaleza em outubro. Em novembro estava elle escrevendo o seu relatorio para o chefe Quintino, dando conta da sua missão quando no dia 15 foi sorprehendido com um telegramma que noticiava a proclamação da republica no Rio.

Convocou uma reunião do club republicano e no dia 16, no passeio publico aclamaram governador o Cel. Ferraz comandante do batalhão militar. Alguns republicanos — Julio Cesar e outros — mostravam-se mal satisfeitos porque Ferraz não era republicano, mas, J. C. e o Major Manuel Bezerra receiosos de alguma contra-revolução no Rio lembraram-se do Cel. Ferraz para ter assim o batalhão ás suas ordens. Marcharam

para o Palacio do governo, depuzeram o presidente da Provincia, Cel. Morais Jardim e, empossando no governo o Cel. Ferraz. Dois dias depois J. C. recebeu um telegrama do ministro Aristides Lôbo com a sua nomeação de presidente do Estado. J. C. respondeu esse telegrama dizendo que não acceitaria a nomeação porque já havia aclamado e empossado o Cel. Ferraz. O ministro Aristides Lobo e Rui Barbosa telegrapharam a J. C. dizendo que ficava sem effeito essa aclamação e que elle tomasse sem demora posse do governo. J. C. respondeu a ambos em termos um pouco asperos declarando que o governador do Estado já era o Cel. Ferraz e que o que podia fazer era dar licença para ratificar a aclamação do Ferraz e nunca nomear outro governo. Não vieram mais outros telegramas do Rio e Ferraz permaneceu no governo. Dez dias depois chegou um vapor do Sul e J. C. recebeu uma carta do ministro Aristides Lobo, mais ou menos nestes termos:

> "Segue a nomeação do Ferraz como você exigiu e a sua para 1.º vice-governador.
> "Mande nomes para o 2.º e 3.º vice-governadores.
> Devido á sua correção republicana e á sua energia de "caboclo do norte" foi o Ceará o unico Estado da Republica que ficou com governador aclamado. Todos os mais foram nomeados aqui"...

Ferraz continuou no governo, adoeceu, sendo substituido por J. C.. Isto por 2 vezes. J. C. exerceu as funcções de governador dando andamento a todos os negocios publicos. Publicou um decreto mudando alguns nomes de logares cearenses. Cidade da Imperatriz para Itapipóca, São João do Principe para Inhamunz, Arrouches para Porangaba, Canôa para Aracoyaba, Conceição para Guarmiranga e outros.

Ferraz voltou ao governo, fez-se a eleição de deputados estaduaes e antes de reunir-se a assembléa o marechal Deodoro nomeou o Gal. José Clarindo governador do Ceará. J. C. discordou dessa nomeação escrevendo alguma cousa nos jornaes.

José Clarindo veio para o Ceará e tomou conta do governo tendo sido dispensado o Cel. Ferraz.

Reuniu-se a assembléa estadoal que tinha de eleger o presidente. O Barão de Ibiapaba que se achava no Rio, amigo e correligionario do Barão de Lucena, ministro de Deodoro, combinou a eleição de Martinho Rodrigues para governador do Ceará e neste sentido foram dirigidas para o Estado muitas cartas a esse respeito. Os republicanos cearenses opunham-se á eleição de Martinho Rodrigues e alguns lembraram o nome de J. C. que recusou formalmente essa indicação. Depois de algumas reuniões de republicanos onde foram lembrados alguns nomes, J. C. com admiração de todos indicou o nome do general José Clarindo para ser eleito pela assembléia governador do Estado. Estabeleceu-se larga discussão e J. C. intervindo declarou terminantemente que o seu candidato era o general José Clarindo, unico que podia reunir votos para derrotar Martinho Rodrigues candidato do ministro Lucena e do Barão de Ibiapaba. Todos ficaram de acordo e J. C. tratou sem demora de entender-se com os deputados estadoaes. No dia seguinte, reunida a assembléa, o Dr. Abel Garcia pronunciou um vibrante discurso apresentando o Gal. José Clarindo para governador do Estado. Depois de falarem alguns deputados correu a votação sendo eleito o Gal. Clarindo tendo Martinho Rodrigues obtido apenas 9 votos. J. C. com numerosos amigos e deputados foram a palacio dar os parabens ao novo eleito.

Poucos mezes depois J. C. luctando com alguma dificuldade financeira retirou-se para o Rio de Janeiro, onde fixou residencia.

Nesse tempo a praça do Rio de Janeiro estava entregue ás mais desastradas especulações de bolsa, incorporações e instalações de companhias e uma jogatina desenfreada em titulos de todas as qualidades e valôres. Nessa epoca o cruzamento das ruas da Candelaria e Alfandega, em frente ao Banco do Brasil, chamava-se "ensilhamento". J. C. poz-se a par de todo esse movimento e meteu-se em negocios. Comprou a fabrica de chapéos de Barros Taveira por 600:000$000, a prazo. Organizou e instalou a Cia. Chapelaria Brasileira e levantou nos bancos da praça a somma de 1.600:000$000. Foi eleito presidente da

Chapelaria Brasileira e os acionistas dessa empreza deram-lhe alguns contos de reis em ações da companhia e em dinheiro como retribuição ao seu serviço. A Companhia estava funcionando muito bem e J. C. foi á Fortaleza liquidar os seus negocios ali e levar seus filhos para o Rio de Janeiro. Regressando ao Rio poucos mezes depois encontrou a Chapelaria Brasileira em serias dificuldades financeiras. Os diretores que ficaram, em sua ausencia, dirigindo os negocios da Cia., tinham se metido na jogatina da praça, deixando em abandono a Cia.

J. C. tomou conta da Cia. e entendeu-se com o Banco do Brasil, credor de 1.600.000$000. O Banco pediu-lhe que continuasse na direção da Cia. até que elle resolvesse alguma cousa a respeito. Mezes depois J. C. expoz ao Banco a situação financeira da Cia. e entrando em negocio com o Banco comprou o acervo por 350:000$000 á dinheiro e a prazo. Tomou conta da massa. Comprou um predio na estação do Sampaio, transferiu a fabrica da rua de Pedro para lá e deu grande desenvolvimento á fabricação de chapéos, cuja industria deu-lhe grandes lucros.

Pelo falecimento do senador Manoel Bezerra o partido republicano do Ceará elegeu-o senador. Recusou-se a tomar posse desse cargo, mas por insistência do general Pinheiro Machado e Antonio Azeredo resolveu-se a tomar posse do cargo.

Rebentou a revolta da armada e parte do exercito contra Floriano Peixoto, a quem J. C. apresentou-se para tomar parte na repressão dessa revolta.

Floriano aceitando o seu oferecimento nomeou-o seu ajudante de ordem, cujas funções exerceu até o fim da revolta. Floriano tinha-lhe uma grande affeição e muita confiança, tanto assim que sempre ouvia J. C. para a nomeação de ministros, chefe-de-policia, ministro do S. Tribunal e até commandante de forças. Muitos extrangeiros eram contra Floriano e J. C. enfrentou-os com grande energia fazendo calar as suas imprudentes manifestações. Esses extrangeiros que nada tinham que ver com as questões politicas do Brasil tomaram-se de odio contra J. C. a quem chamavam de "chefe dos Jacobinos" e "presidente do club da morte". Depois de 6 mezes de lucta feroz, a 13 de março de 1893, Floriano deu combate á esquadra revoltosa, entrando na bahia do Rio de Janeiro os navios de guerra que elle

tinha no mar sob o comando do almirante Jeronymo Gonçalves. Os revoltosos que se achavam a bordo dos navios de guerra brasileiros, sob o comando de Custodio de Mello, fugiram para bordo dos navios de guerra portugueses ficando Floriano victorioso. Esses navios sahiram fóra da barra para arejar e fugiram com os revoltosos para B. Ayres. Floriano cortou as relações diplomaticas do Brasil com Portugal. Fez-se a eleição de presidente da republica sendo eleito Prudente de Moraes. Logo que occupou a curul presidencial enciumado com a pujança do partido florianista abriu lucta contra este partido demitindo todos os empregados nomeados pelo Floriano. Todas as semanas havia lucta da policia contra os florianistas, muitas prisões e espalderamentos por qualquer motivo. J. C. na rua do Ouvidor e outros lugares escapou mais de uma vez de ser victima do chanfalho e das patas da cavallaria da policia. Um dia o cemiterio de S. João Baptista estava repleto de florianistas que foram ali em romaria civica ao tumulo de Floriano. A cavallaria da policia entrou no cemiterio para acabar com essa romaria; deu-se uma lucta feroz e os republicanos desarmados foram obrigados a arrancar as pequenas cruzes das sepulturas para defenderem-se. Houve muitas prisões e muitos ferimentos. J. C., a figura mais odiada pelo ignorante e rancoroso P. de Moraes, escrevia no "Paiz" todos os dias alguma cousa contra esse... *biriba* (besta velha peçonhenta). Estavam as cousas neste pé quando se deu a imaginaria tentativa de assassinato contra Pte. de Moraes no arsenal de guerra por ocasião do desembarque das tropas que voltavam de Canudos. Deocleciano Martir, sujeito muito caviloso, sugestionou o soldado do exercito Marcelino Bispo e convenceu-o que elle devia assassinar o presidente da Republica tendo em paga uma alta patente do exercito. Carregou uma pistola de 2 canos, incravou-a e deu ao soldado para cometter o crime. No arsenal de guerra onde Prudente foi receber as tropas vindas de Canudos o soldado Marcelino Bispo rompendo a multidão metteu-se em frente do Prudente e apertou o gatilho de um e outro canno sem que a arma desparasse. Bittencourt, ministro da guerra que estava ao lado de Prudente, atirou-se ao soldado, dando-lhe voz de prisão e este lançando mão de um punhal deu um golpe mortal no general

que caiu por terra. Preso, o soldado declarou na policia que foi mandado por Deocleciano Martir. Este veio preso á policia declarou que nunca tencionou assassinar o presidente, tanto assim que a pistola estava encravada. Quiz apenas fazer um susto ao Presidente de quem não gostava. O 1.º delegado, Vicente Neiva examinou a pistola, viu que estava realmente encravada e lembrou-se de tirar partido contra os florianistas. Tratou Deocleciano na palminha da mão e combinou com este os nomes dos florianistas que deviam ser envolvidos no plano desse imaginario assassinato. No dia seguinte Marcelino Bispo amanheceu morto na prisão e a policia inventou que elle tinha se suicidado enforcando-se no lençol da cama. No outro dia Prudente arranjou a votação de um estado de sitio contra lei, pelo qual votaram, além de muitos outros senadores, Ruy Barbosa e Quintino Bocayuva. Publicado o decreto do estado de sitio, ás 6 horas da manhã J. C., senador da republica, foi preso em sua residencia, na estação do Sampaio e conduzido para bordo do navio de guerra "Barroso", fundeado na bahia Guanabara. No mesmo dia foram recolhidos ao mesmo vapor o general Pinheiro Machado, deputados Barbosa Lima, Thomaz Cavalcante, Alcino Guanabara e muitos outros florianistas. O terror apoderou-se da Cap. Federal e as prisões faziam-se ás centenas. J. C. deixou em abandono seus filhos e sua fabrica entregue aos seus empregados. Passou 5 mezes a bordo, incommunicavel na bahia de Guanabara, seguindo depois, com B. Lima, Alcino Guanabara, Thomaz Cavalcante, Barão de Sant'Anna Nery e José Maranhão, a bordo do vapor de guerra "Andrada", com carta de prego. Quando o comte. do vapor abriu essa carta comunicou reservadamente a J. C. que o destino do vapor era Fernando de Noronha. Tocaram no Recife onde os prezos politicos receberam ruidosas manifestações dos republicanos d'ali. Por esse motivo o comte. do vapor foi despedido pelo ministro da guerra e nomeado outro comandante que conduziu os prezos a Fernando de Noronha. J. C. sabendo para onde ia e sendo visitado a bordo pelo seu empregado, gerente de sua agencia de chapéos no Recife, deu ordem a este para lhe remetter pelo vapor que estava carregando para Fernando de Noronha as vitualhas de que os prezos precisariam para a sua alimentação em Fernando de Noronha.

Chegado o "Andrada", os prezos foram desembarcados e entregues ao Snr. Roma, comandante daquelle presidio. Roma colocou-os em uma casa perto da sua residencia fazendo elles as suas reffeições na meza de Roma e sua familia, que trataram os prezos fidalgamente. No dia seguinte ao seu desembarque o comandante do "Andrada" mandou por um official de marinha levar aos prezos alguns litros de feijão, farinha, arroz, uns kilos de xarque, café e assucar. J. C. recebendo esses generos pediu licença ao official e jogou-os no meio da rua onde foram apanhados pelos prezos. O comandante do vapor zangado com este procedimento mandou desembarcar dez praças de marinha e fazer exercicio de fôgo em terra. J. C. e os seus companheiros de prisão reuniram cerca de 200 prezos dos que lá estavam e J. C. á frente delles foi para a fortaleza e outros pontos do povoado fazendo exercicio completamente desarmados. Durante 45 dias os prezos estiveram na ilha pescando, passeando por toda a parte. No fim desse tempo receberam ordem do comandante do vapor para irem para bordo o que se recusaram fazer até que o comandante lhes mandasse mostrar os telegramas do governo chamando-os a pedido do Supremo Tribunal, onde iam assistir o julgamento de um "habeas-corpus" requerido pelo Ruy Barbosa.

Chegados ao Rio foram levados o Supremo Tribunal. Ruy falou mais de um hora, mas o tribunal negou o pedido. Os presos voltaram a bordo do "Andrada" que se fez ao mar ancorando depois de alguns dias no porto de Bahia. Ahi J. C. muito doente foi mandado desembarcar para morrer em terra.

Chegado ao caes negou-se a desembarcar e pediu ao official de marinha que o acompanhava que o levasse para bordo. Lá chegando disse ao comandante e aos seus companheiros que preferia morrer a bordo cercado dos seus amigos. Dias depois foram chamados ao Rio em virtude de um novo "habeas-corpus" requerido pelos advogados João Damaceno e Mello Mattos. Apresentados ao Supremo Tribunal este concedeu o "habeas-corpus" requerido. Compareceram ali grande numero de pessoas e numerosos officiaes do exercito e alumnos da Escola Militar. Amaro Cavalcanti, ministro de Prudente de Moraes, lembrou-se de prender novamente J. C. e os seus companheiros

postos em liberdade. Mudou de idéa em vista da atitude dos paezanos e militares que se mostravam dispostos a repelir esse attentado. J. C. tomou o trem e foi para a sua residencia na estação do Sampaio.

Os seus operarios fizeram-lhe uma estrondosa recepção dançando-se até alta noite nos salões da Fabrica, assistindo á essa festa, além de numerosas familias, o Dr. Macedo Soares, ministro do Supremo Tribunal e sua exma. familia.

No dia seguinte J. C. tomou conta de sua Fabrica, que estava quase paralisada, deu balanço e verificou um prejuizo de mais de metade de seu capital que era de Rs. 600:000$000. O governo em perseguição a J. C. retirou do correio toda a sua correspondencia commercial, privando assim o andamento regular dos negocios com graves prejuizos para o estabelecimento. J. C. não podendo continuar com a fabrica chamou os credores e entregou-lhes todo o acervo, retirando-se para a sua casa com uma quitação muito honrosa dada pelos credores a qual não lhe servia para garantia de um kilo de bacalháo que ele quizesse comprar a prazo. Retirado dos seus negocios, ficou vivendo com os subsidios de senador da republica. Depois de 15 anos de viuvo e com 57 anos de idade casou-se em segunda nupcias com Da. Arabella de Barros Cordeiro da qual teve 4 filhos — Juarez, Yta, Joanita e Leonor.

Terminado o seu tempo de senador foi eleito deputado. A convite do Dr. Nilo Peçanha, presidente da republica, acceitou a nomeação de governador do Acre para ali tomar as contas do governador que havia sido dispensado. Renunciou á sua cadeira de deputado. Poucas semanas depois de achar-se em Cruzeiro-do-Sul regularizando os negocios publicos do Territorio do Acre, apareceu ali, em diversas embarcações, numeroso grupo de acreanos, quase todos cearenses, em atitude revolucionaria, com o fim de declararem authonomia no territorio.

Intimaram J. C. a retirar-se entregando-lhes o governo do territorio.

J. C. que em principio era tambem authonomista, declarou-lhes que retirava-se para Manáos, d'onde comunicaria o ocorrido ao presidente da republica. Os revolucionarios puzeram á disposição de J. C., do seu secretario e mais empregados

um vapor que os transportou a Manáos. J. C. telegrafou a Nilo Peçanha, presidente da republica, narrando o que havia acontecido. Nilo reprovou o procedimento de J. C. e telegrafou-lhe dizendo que ia mandar ao Cruzeiro do Sul navios de guerra e batalhões para sufocar o movimento revolucionario. J. C. em resposta a esse telegrama declarou a Nilo que não concordava com essas medidas e que se o governo federal não mudasse de idéas elle seguiria para o Cruzeiro do Sul colocando-se á frente do movimento revolucionario. Nilo Peçanha, que era seu amigo intimo e sabia de quanto elle era capaz, mudou de opinião e telegraphou-lhe reservadamente pedindo para conseguir a paz no Acre pelos meios que julgasse acertado. J. C. fretou uma lancha por 25:000$000 e fez seguir para o Cruzeiro do Sul o engenheiro Carlos de Carvalho encarregado da pacificação dos authonomistas. Um mez depois Carlos de Carvalho regressou a Manáos trazendo a grata noticia de que tudo estava acabado e que os revolucionarios acceitariam de braços abertos o governador que o presidente da republica nomeasse para ali. J. C. comunicou isso a Nilo Peçanha que ficou satisfeitissimo. J. C. baldo de recursos pecuniarios telegrafou á Casa Boris na Fortaleza e esta poz á sua disposição a quantia necessaria ás suas despezas. J. C. retirou-se de Manáos para Belem onde ficou algumas semanas, seguindo depois para S. Luiz, onde foi tomar parte numa concurrencia para a instalação de aguas, esgotos, luz e bonds eletricos. Nada tendo conseguido seguiu para Fortaleza.

A Casa Boris deu-lhe ocupação. Arrematou para ella uma fabrica de tecidos cujo proprietario havia falido, remodelou-a e dirigiu-a por espaço de 3 anos. Boris vendeu esta fabrica por mais de 200:000$000 e J. C. seguiu para Baturité em fevereiro de 1916 para tomar conta das fazendas de café, terrenos, predios e fabrica de descaroçar algodão, pilar arroz, moagem de canna, distilaria, fabricação de sabão e outros artigos. J. C. liquidou todos esses negocios ficando apenas na direção da "Fabrica Putiú".

Desde 1916 até hoje, janeiro de 1929, tem permanecido aqui. Os seus ordenados, devido molestias e viagens e casamentos de suas filhas, estão muito abaixo de seus gastos, de maneiras que J. C. continua pauperrimo e individado, pensando em

morrer visto sua longa idade e deixar a familia na mais desoladora pobreza.

J. C. por amôr á educação de seus filhos permaneceu 14 annos separado de sua familia que ficou no Rio, á qual remettia seu ordenado para manutenção della e pagamento colegios e professores para seus filhos. Só em 1924 veio sua familia para Baturité.

J. C. é coronel-comandante-superior da guarda nacional do Ceará, nomeado pelo Floriano, o qual deu-lhe as honras de coronel honorario do exercito em reconhecimento aos seus relevantes serviços prestados á consolidação da republica durante a revolta da armada.

J. C. foi eleito um dos diretores da partido-republicano-federal, a primeira agremiação politica que se organizou na republica tendo por chefes o general Pinheiro Machado e o general Glicerio.

Prudente de Moraes sempre rancoroso e intransigente para molestar J. C. mandou para Canudos o filho Francisco Juarez, que tinha feito o curso no Colegio Militar e estava estudando na Escola Militar, o qual morreu de bala no combate do dia 1.º de outubro. J. C. recebeu essa dolorosa noticia em um dia, á tarde, e no dia seguinte, ás 6 horas da manhã foi preso e levado para bordo do navio de guerra, deixando suas 3 filhas menores entregues a si mesmas, na casa em que morava na estação do Sampaio.

J. C. quando em Manáos comprou ao cearense-Carioca diversos seringaes que este possuia no rio Gregorio por ..... 2.000:000$000 com contracto de opção por 6 mezes. Mandou um enviado á Inglaterra tratar de organizar uma companhia

para exploração desses seringaes. Organizou-se a companhia e fez-se um contracto provisorio marcando-se o capital de ..... £ 350.000 — pagando-se a J. C. uma bonificação de 1.200:000$000 e marcando-se para ele o ordenado de ..... 40:000$000 por anno para administrar os seringaes durante 3 annos.

A borracha baixou de preço violentamente, a companhia não pôde colocar as suas acções e todo este grande negocio ficou reduzido a nada, e J. C. que se julgou abastado com esse negocio teve que retirar-se de Manáos com recursos fornecidos pela casa Boris.

Em 1865 J. C., Israel Bezerra de Menezes, José Martiniano Peixoto de Alencar, Antonio Belarmino de Menezes e outros offereceram-se volutarios para a guerra do Paraguay. O pae de J. C., velho e pobre pediu-lhe que não o abandonasse. Em vista d'isto J. C., que idolatrava o seu velho pai, mandou retirar o seu nome do ról dos voluntarios, mas deu um substituto. Comprou ao seu amigo José Fonseca, fiado, um escravo por..... 1:250$000, deu-lhe liberdade e apresentou-o como voluntario mostrando-se o ex-escravo muito satisfeito. J. C. que ganhava pequeno ordenado levou quase dois anos pagando esse escravo.

J. C. presidiu a sessão que declarou o Acarape, em 1.º de Janeiro de 1883, o primeiro municipio livre de escravos no Brasil, dando-lhe o nome de Redempção.

A "Cearense Libertadora" decretou a libertaçção do municipio de Fortaleza para o dia...

Quatro dias antes dessa data J. C. convocou uma reunião

dos abolicionistas para informar o estado em que se achava a libertação dos escravos do municipio. A reunião foi muito concorrida. J. C. expoz o estado em que se achava a libertação marcada para o dia... declarando que faltavam mais de.... de 5:000$000 para pagar as cartas de liberdade de escravos de orphãos e viuvas pobres. Um amigo do presidente da provincia pediu a palavra e ofereceu o dinheiro que faltava, mandado dar no cofre dos orphãos. João Carlos Jatahy em voz forte e energica disse que sendo o governo inimigo dos abolicionistas estes recusavam-se formalmente a receber qualquer contribuição dada pelo governo.

A assembléia agitou-se e de toda parte se ouviam protestos contra esse oferecimento. Da. Carolina, espoza de J. C. e vice-presidente da "Sociedade das Senhoras Libertadoras" tirou das orelhas os brincos de brilhante, os aneis dos dedos e um collar de perolas, levantou-se e dirigiu-se á meza do presidente da reunião, e, depositando nas mãos deste, declarou em voz alta e energica: "Eis aqui a minha contribuição". Palmas e vozes de aplausos retumbaram na sala por alguns momentos. Todas as senhoras, em grande numero, que se achavam na sala, fizeram a mesma cousa. J. C. colocou no chapéo todos esses objectos e nomeou uma comissão para arrecadar na cidade a quantia que faltava para libertação do municipio no dia marcado. No dia seguinte essa commissão foi ao escriptorio de J. C. e pediu-lhe para ir com ella á Casa Boris afim de começar par ella a arrecadação do dinheiro que faltava para a abolição. Logo que a commissão entrou no escritorio, Isaias Boris veio recebel-a dando a J. C. intusiasticos parabens pelo procedimento de sua esposa. J. C. apresentou-lhe a comissão e pediu-lhe que contribuisse com alguma cousa para a abolição. Isaias mandou que J. C. escrevesse na subscrição a quantia que devia dar. J. C. recusou-se, mas em vista da insistencia de Isaias escreveu 1:000$000. Isaias imediatamente mandou o caixa pagar esta quantia e a comissão retirou-se satisfeita. Foi ao escriptorio do Barão de Ibiapaba que deu 500$000, do Commendador Luiz Ribeiro que deu 300$00, correndo depois diversas casas que iam dando de 50$000 a 200$000. Ás 11 horas a commissão chegou ao escritorio de J. C. entregando-lhe Rs. 6:000$000. Com essa

quantia pagou-se o resto das cartas de liberdade e no dia.... declarou-se livre o municipio de Fortaleza.

J. C. nunca botou luto por ninguem. Não compreende, diz elle, a razão dessa suprema tolice.

J. C. fez a propaganda da plantação do cacau na serra do Baturité.

Durante alguns annos fez a propaganda da plantação do coqueiro no Ceará escrevendo nos jornais e destribuindo centenas de folhetos. Alguns de seus artigos foram mandados transcrever pelo Ministro da Agricultura nos boletins..